

DIAS, JVM¹; TAVARES, LG¹ SILVA, LS²

¹Acadêmicos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

²Professor adjunto da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

Contexto e antecedentes

Os profissionais da saúde, especialmente os médicos, diariamente lidam com uma quantidade enorme de estresse e ansiedade. Isso ocorre pois a demanda tanto social quanto pessoal relacionada a essa profissão é muito elevada, constantemente estão submetidos a uma alta demanda mental e física, com cargas horárias extenuantes e até mesmo situações de vida e morte^{2,3}. É possível identificar as raízes dessa vulnerabilidade desde a faculdade de medicina, visto que desde o início do curso esses estudantes já estão submetidos a essa alta pressão e sem perspectiva de mudança⁴. Desse modo, muitos buscam válvulas de escape para amenizar essa situação, estas podem ser saudáveis, como atividades de lazer, ou não como o abuso de substâncias. Dentre essas drogas o álcool é a mais utilizada, afinal é um entorpecente lícito de fácil acesso e com ampla aceitação social, seu consumo em si não é necessariamente danoso^{4,5}.

O problema está relacionado com o excesso, que afeta tanto o corpo como o cérebro. No contexto individual, o consumo exacerbado do etanol está relacionado a redução da satisfação profissional, síndrome de burnout, ansiedade, depressão, ideação e atuação suicida². Em relação ao trabalho existe o aumento do erro médico, tanto relacionado à imperícia, imprudência e omissão, que culmina tanto em processos legais quanto em medidas punitivas dos Conselhos de Medicina^{2,3}.

Objetivos

Esse trabalho tem como meta avaliar a prevalência do uso e de transtornos relacionados ao álcool entre profissionais de saúde no Brasil, realizar comparações com a prevalência brasileira e também visa identificar os principais fatores de risco associados. Com esse fim, foi realizada uma pesquisa por artigos científicos nos portais PubMed, BVS e Scielo. Posteriormente os artigos foram selecionados, juntamente de outros trabalhos, com base em sua relevância. Foram selecionados 5 artigos.

Resultados relevantes

Os resultados encontrados foram que a prevalência de consumo de álcool entre médicos e enfermeiros no Nordeste é maior que a população geral (74,5% x 52%). O uso indevido de álcool foi percebido em 10,6% dos profissionais, sendo que 6 a 18,5% da população brasileira usam indevidamente a droga¹.

14,3% dos profissionais já relataram pelo menos um episódio de consumo maciço episódico, resultado ligeiramente superior à população brasileira (11%), no entanto, o resultado não é significamente estatístico¹.

Além disso, a prevalência de abuso/dependência de álcool entre os profissionais de saúde da cidade de Belo Horizonte é de 7,2%². Nesse estudo foram identificados fatores de risco ocupacionais e individuais. Entre os fatores de risco individuais identificados estão: Sexo masculino, tabagismo e transtornos mentais comuns. Entre fatores de risco ocupacionais, pacientes com horário de trabalho irregular, como plantões prolongados e rodízio de turnos aumentou em 64% a chance de abuso/dependência de álcool².

A demanda psicológica no trabalho, com adequado controle, apresentou-se como um fator protetor, uma vez que reduziu em 11% a chance de abuso/dependência da droga².

Fatores como insegurança/instabilidade no trabalho, baixa remuneração, ameaças no local de trabalho e baixo apoio social não obtiveram valor significativamente estatístico para aumentar a chance do transtorno².



Imagem 1: Fatores de risco e protetores para o abuso/dependência de álcool nos profissionais de saúde

Por fim, pesquisa estudando médicos com diagnóstico de abuso/dependência de drogas no Brasil indicam o álcool como droga mais prevalente entre tais profissionais, sendo que 72,7% desses profissionais estavam envolvidos com a droga³.

Os dados sobre fatores ocupacionais dos profissionais de saúde associados ao abuso/dependência de álcool no Brasil ainda são escassos na literatura, sendo necessário mais estudos.

Recomendações

Entre as recomendações propostas estão:

Tratamento para os transtornos mentais comuns²

Campanhas e tratamento para cessação do tabagismo²

Fortalecer e apoiar essa classe de trabalhadores, incluindo ações para saúde e segurança no trabalho²

Melhor conhecimento da dependência química e melhor educação nas faculdades de ciências da saúde podem antecipar o reconhecimento e aumentar a procura espontânea por tratamento.³

Treinamento dos colegas de trabalho no sentido de reconhecer, aconselhar e confrontar o profissional dependente.³

Referências bibliográficas

1. Tobias JSP, da Silva DLF, Ferreira PAM, da Silva AAM, Ribeiro RS, Ferreira ASP. Alcohol Use and Associated Factors Among Physicians and Nurses in Northeast Brazil, Alcohol (2018), doi: 10.1016/j.alcohol.2018.07.002
2. Diniz CFG, Assunção AA, Beinner MA, Pimenta AM. Abuso/dependência de álcool e fatores psicossociais do trabalho em profissionais de saúde/Alcohol abuse/dependency and psychosocial factors in the workplace of healthcare professionals. Ciência, cuidado e saúde (Online), v. 18, p. e45023, 2019. <https://doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v18i3.45023>
3. Alves HN, Surjan JC, Martins LAN, Marques ACP, Ramos SP, Laranjeira RR. Perfil clínico e demográfico de médicos com dependência química. Rev. Assoc. Med. Bras., São Paulo, v. 51, n. 3, p. 139-143, Junho 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302005000300013>.
4. Pacheco JP, Giacomini HT, Tam WW, Ribeiro TB, Arab C, Bezerra IM, et al. Mental health problems among medical students In Brazil: a systematic review and meta-analysis. Braz J Psychiatry.2017;39(4):369-378 <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2017-2223>.
5. Oreskovich M, Shanafelt T, Dyrbye L, Tan L, Sotile W, Satele D et al. The prevalence of substance use disorders in American physicians. The American Journal on Addictions. 2015;24(1):30-38. doi: 10.1111/ajad.12173